

# A PREPOSIÇÃO 'NI' NOS FALANTES DE VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA FORMA ESTIGMATIZADA QUE INVADE TERRITÓRIOS DE PRESTÍGIO?

Maria Bethânia Gomes Paes  
Universidade do Estado da Bahia

## Introdução

Nos últimos tempos, a linguística representa objeto de interesse de vários estudiosos, os quais se dedicam ao estabelecimento de relações entre a língua e suas múltiplas funções com uma sociedade marcada pela heterogeneidade e diversidade. A sociolinguística, por sua vez, busca processar, analisar e sistematizar o universo “desordenado” da língua falada. CABRAL (1988, p. 208), destaca que

[...] Os falantes podem estar expostos a situações variadas e é de maior interesse para o planejamento de uma política da língua e da política educacional efetuar o levantamento de quantas e quais línguas são faladas numa dada comunidade, quantas pessoas a(s) praticam e quais as suas variedades e, o que é importante, qual a atitude desses falantes em relação a isso. (CABRAL, 1988, p. 208)

Analisar a atitude dos falantes frente às variações apresentadas na língua é considerar a aceitação ou não da heterogeneidade linguística, e a estigmatização de certos comportamentos linguísticos é fruto de uma concepção de língua defendida pela classe dominante, tradicional por excelência quando se tratar da língua.

O termo estigmatização remete-nos imediatamente a preconceito, termo que associado à língua resulta em preconceito linguístico. Tal expressão indica a intolerância aos falantes de línguas minoritárias e à diversidade linguística do Português Brasileiro-PB- como afirma BAGNO (2009).

O preconceito linguístico manifesta-se em várias situações no Brasil, amparando-se no determinismo de que há superioridade de alguns comportamentos linguísticos que constituem modelos eleitos pela sociedade de bom falar do PB. Esse “comportamento linguístico modelo” implica em interpretações nas distinções socioeconômicas da sociedade, na diversidade linguística de cada região, assim como nos aspectos globais que influenciam a língua, a exemplo da adesão aos estrangeirismos.

A variante NI, advinda da preposição EM, é traço responsável por estigmatizar a fala de um indivíduo, uma vez que consiste numa realização linguística não contemplada pelas normas das gramáticas normativas da Língua Portuguesa. No entanto, percebe-se que a referida variante é recorrente na fala de sujeitos nativos de Vitória da Conquista, independente do grau de escolaridade ou faixa etária do falante, traços que deveriam controlar os usos linguísticos do indivíduo, como afirma MOLLICA (2010, p. 27). São

recorrentes na referida cidade realizações como b e d, em lugar de a e c, respectivamente:

- a. “Ele guarda o carro dele **em** uma garagem [...]”  
↓
- b. “Ele guarda o carro dele **ni** uma garagem [...]”- Inform. 2
  
- d. “Zirão é gente fina. Zirão não pega **no** (em +o) pé de ninguém.”  
↓
- e. “Zirão é gente fina. Zirão não pega **ni** pé de ninguém.” Inform. 4

O objetivo desse artigo, pois, é discutir até que ponto a dinamicidade da língua “respeita” os critérios essencialistas impostos aos estratos sociais, no que se refere à determinação do perfil linguístico do falante- o qual se encontra imerso em uma sociedade marcada por mudanças incessantes- destacando marcas identitárias que o enquadram em situação de prestígio ou desprestígio social, econômico, cultural, político e mais algum que as normas sociais entendam ser definidor do lugar do indivíduo na sociedade.

Para tanto, será exposta, na primeira sessão, a origem histórica do preconceito linguístico no Brasil; na segunda sessão, serão apresentadas as principais contribuições da Sociolinguística para a contemplação da diversidade linguística nos estudos científicos da língua. Na sessão seguinte, serão feitas considerações sobre os conceitos de língua identidade de modo a demonstrar como a relação entre esses conceitos interferem na produção linguística do indivíduo. A quarta sessão traz alguns dados provenientes da fala de nativos de Vitória da Conquista - BA para fins de análise e conclusões iniciais.

## 1. Colonização além do território: língua e cultura dos conquistados.

A implantação da língua portuguesa no Brasil, por si só, representa o preconceito linguístico observado no país até os dias atuais. As autoridades responsáveis pela colonização do território brasileiro decidiram que apenas a língua portuguesa deveria ser falada no território conquistado, proibindo a prática da língua geral, constituída pela mescla das línguas indígenas, portuguesa e africanas como estratégia de comunicação desenvolvida entre povos do Brasil- colônia. Tal proibição foi oficializada com o decreto da Lei do Diretório dos Índios, em 1978.

Em meados do século XX, na era do Estado Novo de Getúlio Vargas, entre 1941 e 1945, houve perseguições no que diz respeito aos usos linguísticos próprios dos

imigrantes estrangeiros que se encontravam no Brasil. Justificando-se como uma tentativa de manter o purismo e homogeneidade da cultura brasileira, ocorreram invasões de escolas, gráficas e perseguições a civis, o que levou a comunidade europeia, que constituía parte da força de trabalho, principalmente no sul do país, por conta da lei e das pressões, viu-se proibida de comunicar-se em outra língua que não fosse a língua portuguesa.

Mas recentemente, ainda são percebidas tentativas de estabelecer uma espécie de escudo protetor para a língua portuguesa, evitando, por exemplo, o uso de estrangeirismos no português do Brasil. Projetos de lei como o 1676- 1999, de autoria do então deputado Aldo Rebelo, afirmam que em nome da proteção, promoção e defesa do uso da língua portuguesa, deve ser combatido o chamado estrangeirismo a língua oficial brasileira, de acordo com OLIVEIRA (2008, p. 117).

BAGNO(2009) confirma a existência de um debate histórico envolvendo a utilização efetiva do idioma e a postura da tradição gramatical. É devido, justamente, à imposição histórica do vernáculo que até os dias atuais posições de preconceito linguístico são recorrentes nas atitudes dos indivíduos, em detrimento ao uso, de fato, da língua como meio de comunicação e conseqüente interação entre os integrantes da sociedade.

## **2. Sociolinguística: defesa da diversidade**

O advento da Sociolinguística, na década de 1960, representou o reconhecimento dos fatores sociais como variáveis atuantes no uso da língua, o que configurou uma ruptura com uma abordagem formalista, baseada nas ideias de Ferdinand Saussure previstas em sua obra *Curso de Linguística Geral* (1916). O Formalismo considera o sistema como algo abstrato, e estuda os elementos que o forma, distanciando-se das situações de produção e recepção das línguas.

A diversidade linguística, a partir de William Labov, precursor da Sociolinguística Variacionista, deixa de ser tratada como um problema. Ao instituir a inseparabilidade entre língua e variação, Labov trata o diverso na língua como traço da riqueza do fenômeno linguístico, o que caracteriza toda e qualquer sociedade. A noção de certo e errado, portanto, é descartada nessa abordagem, e a norma culta é tratada apenas como uma variante privilegiada que expressa o modelo de língua socialmente valorizada. Os comportamentos linguísticos, assim, passam a ser marcas identitárias dos indivíduos e a

variação linguística um aspecto de adequação à situação comunicativa por parte dos interlocutores.

Com esse novo olhar sobre a variação linguística, o preconceito linguístico é alvo de debate, emergindo, então, aspectos que implicam na constituição do imaginário social referente ao uso e à apropriação da linguagem.

### **3. Língua, identidade e cultura**

As transformações pelas quais o mundo passa continuamente em espaços de tempo cada vez menores acabam por afetar a sociedade e, conseqüentemente, as identidades sociais assumidas pelos indivíduos dentro dessa esfera, o que fragmenta, por sua vez, esse indivíduo moderno, percebido antes como sujeito unificado. Surge, então, de acordo com HALL (2011):

A assim chamada crise de identidade (que) é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam ao indivíduo a ancoragem estável no mundo social. (ibid, 2011, p. 07)

As mudanças nas referências do sujeito, enquanto membro de uma comunidade com uma identidade pré- estabelecida socialmente, proporcionou, o que é chamado de deslocamento ou descentração do sujeito, significando, segundo HALL (2011, p. 09) uma “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos.” É justamente a crise de identidade advinda desse deslocamento que põe em questão a identidade do indivíduo na sociedade. Para a melhor compreensão de como os sujeitos eram entendidos na esfera social, segue uma síntese das três concepções de identidade ligada o sujeito, conforme apresenta HALL (2011 p. 10-14):

- Sujeito do Iluminismo:

Trata-se de um sujeito baseado na concepção humana de um indivíduo centrado, Racional e consciente. O centro desse indivíduo consiste num núcleo interior que emerge no nascimento do sujeito, desenvolvendo-se num contínuo ao longo da existência do indivíduo, sem mudanças. O sujeito, segundo essa perspectiva, nasce, desenvolve-se e morre sem maiores transformações, o que representa uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade.

- Sujeito Sociológico:

Admite que o núcleo do sujeito não é interno nem auto suficiente, mas com formação dependente da relação com outras pessoas, de onde o sujeito desenvolve suas concepções de valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura do mundo onde vive.



Corresponde a uma concepção interativa, em que a identidade é formada a partir da interação entre o eu e a sociedade, sendo continuamente modificado.

- Sujeito Pós- moderno

É o sujeito resultante das mudanças da sociedade, e devido às mudanças ocorridas num espaço de tempo cada vez mais curto, o sujeito é aqui conceitualizado como tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”, conforme HALL (1987 apud HALL 2011, p. 13). O sujeito pós- moderno, portanto, é historicamente definido, não biologicamente, assumindo diferentes identidades em diferentes momentos, graças às multiplicações de significação e representação cultural, o que confronta o indivíduo com uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis.

Assim, percebe-se que as sociedades modernas são caracterizadas por mudanças ininterruptas, rápidas e constantes, traços que as distinguem das sociedades tradicionais, uma vez que nessas sociedades, os símbolos se perpetuam, assim como as experiências de gerações, como propõe Giddens (1990 apud HALL, 2011, p. 15). Ainda de acordo com Giddens (1990 apud HALL, 2011, p. 15), as discontinuidades caracterizam as sociedades modernas.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. No plano da extensão, elas (as transformações) serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, apud *ibid.*, p. 17)

Portanto, é possível ser feita uma ligação do que é afirmado por Hall em relação às sociedades modernas e o tratamento que se deve dar às línguas modernas, destacado por RAJAGOPALLAN (apud RAJAGOPALLAN, 2003, P. 26). O autor afirma que conceituar língua como sistemas auto-suficientes, constituída por dados teoricamente neutros, com base em constatações não empíricas, não admite evidenciar instabilidades de caráter estruturalista e constitutivo nas línguas encontradas no mundo real. A visão de autossuficiência atrelada à língua desconsidera as heterogeneidades próprias de toda comunidade de fala. Outro fator que desconsidera a miscigenação inevitável nas sociedades modernas, graças à globalização que favorece os contatos interculturais, é a classificação dos falantes em nativos ou não de determinada língua, o que vai de encontro ao fenômeno do multilinguismo cada vez maior no mundo, também devido aos avanços tecnológicos e as ondas migratórias que marcam as sociedades de todo mundo.

Não há como pregar a homogeneidade e estabilidade de uma comunidade, já que o que a une, a cultura, é marcada pela dinâmica. Não há estágios determinados de evolução- cultura “primitiva” e “avançada”, os quais são tomados por base em uma cultura para parametrizar as outras, proporcionando a criação de preconceitos. A cultura está ligada à história particular de cada grupo social e, portanto, não existe uma cultura “atrasada”, “primitiva”. E o preconceito cultural nada mais é que a percepção do mundo através das grades da cultura dominante.

De acordo OLIVEIRA (2011), língua e cultura são inseparáveis, uma vez que o indivíduo apropria-se da realidade em que se insere por meio da nomeação do que o circunda, além de estabelecer relações por meio da língua. Assim, a língua acompanha a mesma dinamicidade da cultura, da qual é indissociável.

#### 4. O NI nos falantes Vitória da Conquista - BA: análise do corpus e impressões dos sujeitos

A cidade de Vitória da Conquista localiza-se no sudoeste da Bahia, representando a terceira maior cidade do estado. A percepção recorrente da variante NI em lugar da preposição EM despertou o interesse para o referido estudo. Pretende-se, com esse estudo, além de apontar a ocorrência das variantes em questão, observar o julgamento dos informantes diante em relação daquela variante não contemplada pelas gramáticas normativas, a saber, o NI.

A coleta de dados para essa pesquisa foi feita através de gravações de conversas espontâneas de cinco informantes por meio de um gravador digital.

Para o registro das impressões, foi aplicado o questionário que segue aos informantes, após a coleta de dados, em que eram pedidos a traçar o perfil do falante de que praticam uma linguagem parecida com a observada em duas músicas.

INFORMANTE Nº \_\_\_\_\_

1. Observe as letras de música abaixo e responda as questões que seguem:

**Tarado Ni Você<sup>1</sup>**  
**Caetano Veloso**

Tarado, tarado, tarado  
Tarado, tarado, tarado  
Tarado  
Tarado "ni" você  
Tarado "ni" você  
Tarado, tarado, tarado  
Tarado, tarado, tarado  
Tarado, tarado, tarado

<sup>1</sup> Disponível em < <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/1306533/>> Acesso em: 01 de outubro de 2011

Tarado, tarado  
Tarado "ni" você  
Tarado "ni" você  
"Ni" mim, no carnaval  
"Ni" tudo  
"Ni" todo mundo nú  
Deixa eu gostar de  
Tarado, tarado, tarado  
Tarado, tarado, tarado  
Tarado  
Tarado "ni" você  
Tarado "ni" você  
Ni" todo mundo nú  
Deixa eu gostar de você

Eu estou apaixonado, muito doido  
enciumado, daquela linda mulher.  
Meu sentimento é profundo, não quero nada  
no mundo, se ela não me quiser.  
Estou amando demais, esquecê-la não sou  
capaz, eu preciso dar um jeito.  
Se eu vejo em outros braços, vou fazer um tal  
regaço e meter pinga no meu peito.



***Nesta Casa Tem Goteira***  
**Sérgio Reis**

Nesta casa tem goteira  
Pinga ni mim, pinga ni mim, pinga ni mim  
(bis)  
Lá no bairro onde eu moro, tem alguém que  
eu adoro, ela é minha ilusão.  
Pra aumentar meu castigo, meu amor brigou  
comigo, me deixou na solidão.  
Por incrível que pareça, ela fez minha cabeça  
Estou morrendo de paixão.  
Pra curar o meu despeito, vou meter pinga  
no peito, sufocar meu coração .  
Nesta casa tem goteira  
Pinga mi mim, pinga ni mim, pinga ni mim

---

<sup>2</sup> Disponível em < <http://letras.terra.com.br/sergio-reis/103205/>> Acesso em: 01 de outubro de 2011

I- Marque as opções que melhor descrevem o perfil dos usuários da linguagem observada nas músicas.

**a) Escolaridade**

- Não frequentou a escola                       Ensino Fundamental  
 Ensino Médio                                       Ensino Superior

**b) Gênero/sexo**

- Masculino     Feminino     Ambos usam a variedade acima

**c) Faixa etária**

- 10- 20 anos     21- 35 anos     36- 50 anos     Acima de 51 anos  
 Todas as faixas etárias acima.

**d) Local de origem**

- Zona urbana     Zona rural     Ambas

II- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

---

---

---

**4.1. Os dados**

Após o preenchimento dos questionários, fez-se o levantamento dos dados das gravações e o levantamento das impressões acerca de possíveis usuários da linguagem apresentadas nas músicas. A seguir, os dados de cada informante, realizações envolvendo a variante NI e suas impressões acerca de possíveis usuários da linguagem apresentada nas músicas.

• **Informante 1: 21 anos, Ensino Médio:**

I- Dados das gravações:

- “Painho nem **ni** meu noivado foi, Bethânia.”
- “Já fui in Fortaleza, já fui in Salvador, Itacaré, fiquei **ni** Itacarezinho também.”

II-Perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola                      - Faixa etária: 10- 20 anos



- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

III- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Pessoas sem conhecimento.”

• **Informante 2: 35 anos, Ensino Superior:**

I- Dados dos informantes:

- “Só vai dar umas volta no *Boca de Forno* e **ni** *Estação*.”

- “Perto da casa dele, só que **ni** umas duas posse abaixo.”

II- Perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Superior

- Faixa etária: 36- 50 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

III- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Ambas as músicas apresentam uma linguagem coloquial com alguns vícios de linguagem, como NI, em vez de EM, utilizadas bastante na língua falada. Tal utilização é feita com tanta frequência que as vezes nem nos damos conta.”

• **Informante 3: 31 anos, Ensino Superior.**

I- Dados do informante

“Se você acredita **ni** sua irmã que eu não gosto de você [...]”

II- Perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Não frequentou a escola

- Faixa etária: Todas as faixas etárias

- Gênero/sexo: Ambos

- Local de origem: Zona rural

III- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A linguagem utilizada reflete um costume ou falta de leitura. Quando trato de costume digo que a pessoa que vive em determinada região que tem sotaques diferentes e o

costume de *está* sempre falando com pessoas que usam a mesma forma de linguagem entre si, se acostumando a falar de forma simples. E a falta de leitura impede que se *familiarizer* com as palavras escritas corretamente.” Grifos nossos.

• **Informante 4: 47 anos, Ensino Médio.**

I- Dados do informante:

“Se *pega*\* **ni** Lurde!”

“Ele falou que viu ali, viu lá [...] de junto **ni** [...] junto ali de [...] umas telha incostada lá **ni** Jaime.”

II- Perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Médio

- Faixa etária: 21-35 anos

- Gênero/sexo: Masculino

- Local de origem: Zona urbana

III- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“A linguagem utilizada nas músicas é própria de pessoas que mesmo conhecendo a gramática normativa, usam uma linguagem do meio social no qual estão inseridas. O meio social onde a fala coloquial é uma constante de bairros periféricos das cidades, onde os seus moradores são assalariados, mendigos, traficantes, meninos de rua, pessoas com escolaridade incompleta e até mesmo pessoas que mesmo com escolaridades acabam assimilando o modo de falar da maioria dos falantes.”

• **Informante 5: 20 anos, Ensino Médio.**

I- Dados do informante:

Não houve ocorrência da variante **ni** nos dados do informante.

II- Perfil de um possível usuário da linguagem apresentada nas músicas:

- Escolaridade: Ensino Fundamental

- Faixa etária: 36-50 anos

- Gênero/sexo: Feminino

- Local de origem: Zona rural

III- Considerando o convívio em sociedade, qual sua opinião sobre a linguagem utilizada nas músicas?

“Pessoas humildes, desfavorecidas de educação básica, com menos oportunidades de inclusão.”

## 4.2. As análises

O informante 1, morador da zona urbana de Vitória da Conquista, com 21 anos de idade e ensino Médio completo, declarou que pessoas que utilizam-se de uma linguagem marcada pelo NI, como exemplificado nas letras das músicas, são pessoas sem conhecimento, declarando ser esta uma linguagem de pessoas sem escolaridade. Nota-se que, apesar de também ter apresentado a variante NI em suas gravações, a informante 1 traçou um perfil de usuários de tal variante que não condiz com seu próprio perfil. Perfil parecido foi traçado pela informante 4, também com o ensino Médio completo, com 47 anos de idade. Essa informante declarou de forma mais detalhada o perfil daqueles que se utilizam da linguagem prevista nas músicas apresentadas no questionário, associando- a pessoas que vivem à margem da sociedade, como usuários de drogas e marginais. No entanto, a informante 4 parece querer atenuar a forma como rotula os usuários da linguagem marcada pelo NI, atribuindo o uso da variante NI não à falta de escolaridade, já que indica que o possível usuário da linguagem prevista na música tenha o ensino Médio, mas ao meio social em que o indivíduo está inserido, de forma que assimila os costumes linguísticos de onde vive. O meio social parece ser fator preponderante para o informante 1 para a apropriação de um tipo de linguagem.

O informante 2, de 35 anos e com ensino Superior completo, foi a que mais aproximou o seu perfil com o perfil que traçou daqueles que praticam a linguagem observada nas músicas. Esse informante também fez o uso da variante NI, atribuindo os traços da linguagem das músicas a pessoas que tenham nível Superior, de faixa etária entre 36 e 50 anos e que realizam a língua da forma apresentada nas músicas devido aos vícios de linguagem do dia-a-dia. A informante 3, de 31 e também com o ensino Superior completo apresentou a variante NI em suas gravações, mas atribui a linguagem observada nas músicas utilizadas pela pesquisa em questão a pessoas sem escolaridade, independente da faixa etária em que se enquadrem. A informante 3 ainda indica que a falta de leitura, bem como a convivência com pessoas que fazem uso de tal linguagem considerada pelo informante como simples, contribui para que o indivíduo se aproprie dessa forma de se comunicar.

O informante 5, de 20 anos e com o ensino Médio completo não apresentou nenhuma ocorrência da variante NI em seus dados gravados. Traçou o perfil do suposto

usuário da linguagem apresentada nas músicas como alguém que possui o ensino Fundamental e de faixa etária entre 36- 50 anos. Registrou a impressão acerca da linguagem das músicas como sendo de alguém excluído socialmente, humilde e desfavorecido em termos educacionais.

### **Considerações finais**

Sobre as impressões subjetivas dos falantes, LABOV (2008, p. 188) afirma que “[...] vemos uma sociedade movendo-se rumo a uma diversidade linguística maior entre os subgrupos que estão em estreito contato e que, de fato, compartilham um conjunto comum de normas linguísticas.”

A visão essencialista da cultura não cabe nas sociedades modernas, pois consiste em uma visão generalista, que não considera a diversidade. O diverso é característico do mundo moderno, o que se instaura graças às transformações ininterruptas, rápidas e constantes que afetam as sociedades.

De acordo com estudos considerando as atitudes dos falantes diante de dados linguísticos marcados por variação, feitos por Lambert (*apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 102), “os correlatos subjetivos da alternância de linguagem revelam ser mais uniformes que o próprio comportamento”. Ainda de acordo com WEINREICH, LABOV, HERZOG (2006, p. 102-103), “conjuntos de atitudes sociais bem sedimentadas são fatores poderosos na determinação do curso da história da língua em comunidades multilíngues.” Essa determinação da língua pela comunidade fica evidente nas impressões dos informantes em relação à linguagem observada nas músicas, marcadas pelo NI. Todos os informantes, à exceção do informante 5, realizaram a variante NI em seus dados gravados, apesar de pertencerem a faixa etária e grau de escolaridade distintos, o que reforça a impossibilidade de serem estabelecidos comportamentos linguísticos dos indivíduos, já que, nas sociedades modernas, o sujeito assume diversas identidades a depender das situações que se encontram.

---

### **Referências**

- BAGNO, Marcos (2009). **Preconceito Linguístico**- o que é, como se faz. 52<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 207 p.
- CABRAL, Leonor Scliar (1988). **Introdução à linguística**. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Globo.
- HALL, Stuart (2011). **A identidade cultural na pós- modernidade**. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A, 257 p.

LABOV, William. **Dimensões subjetivas de uma mudança linguística em andamento.** In: \_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008, **cap. 6**, p. 173- 190.

OLIVEIRA, Adelaide A. P. de. **O conceito de cultura e a identidade do falante de L2.** Salvador, no prelo.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de (2008). **Preconceito linguístico, variação e o papel da universidade.** In: Dossiê: Preconceito Linguístico e cânone literário. Cadernos de Letras da UFF, n 36, p. 115- 129. Rio de Janeiro, I sem.

RAJAGOPALAN. Kanavillil (2003). **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética.** São Paulo: Parábola, 143 p.

SAUSSURE, Ferdinand (2006). **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 279 p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I.; (2006). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 152 p.

